

caderno

de processos:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

BÁRBARA FERREIRA TELES

**narrativas sobre o feminino:
diálogos em cartas, memória e cinema.**

**UBERLÂNDIA
2018**

BÁRBARA FERREIRA TELES

**narrativas sobre o feminino:
diálogos em cartas, memória e cinema.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado seguido de Bacharel em Artes Visuais. Orientador: Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami.

**UBERLÂNDIA
2018**

BÁRBARA FERREIRA TELES

**narrativas sobre o feminino:
diálogos em cartas - memória e cinema**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado seguido de Bacharel em Artes Visuais.

Uberlândia, 20 de Dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami
Universidade Federal de Uberlândia /MG

Prof.^a Dr.^a Clarissa Monteiro Borges
Universidade Federal de Uberlândia /MG

Prof.^a Maria Carolina Rodrigues Boaventura
Universidade Federal de Uberlândia /MG

agradecimentos

primeiramente, a vida que se faz presente, pelos processos possíveis, com auxílio do meu amigo e orientador, que me proporcionou todo o apoio necessário. com os seus questionamentos, os diálogos, sua paciência, calma, de me inserir na meditação, pelas indicativas, pela sua plena sabedoria. obrigada por acreditar em mim e me sustentar para encontrar o meu caminho.

a minha mãe que sempre esteve ao meu lado mesmo longe, nas trocas que tivemos nos intervalos de tempo, nas correrias, sou imensamente grata para a pessoa que sou hoje e de todo o amor e dedicação que cultivamos.

a minha família (vó, madrinha, tia) que contribuíram para o meu estudo, no meu discernimento e nas minhas conquistas diárias.

ao meu namorado tales, que se dedicou comigo na escrita, nos estudos, me alimentou, e me deu conselhos preocupado em me ver bem.

as minhas amigas, mulheres incríveis, que estiveram comigo conversando repetidas vezes, me ouvindo sobre o tcc e conversando sobre o mesmo assunto, tainá, vitória, luiza (por todas as idéias), vit-gabi, lauana, sílvia, por todo o cuidado de me ajudarem nesses

atravessamentos, assim, como estarem juntas comigo quando foi preciso.

ao meu amigo brayan, por dividirmos tantos bons momentos, principalmente, o apreço pela chantal akerman, saiba que sua amizade foi fundamental no meu percurso, por vezes me incentivar quando estive a querer desistir.

cleizer e gabriel por serem quem são.

meu amigo calisson, pelo companheirismo dos processos, entraves e desdobramentos que dividimos durante o tempo, pela sensatez de suas palavras.

thaís e gustavo, meus melhores amigos de longa data, que mesmo à distância me desejaram força, me acompanharam em instantes significativos da escola ao curso de arte, vocês fazem parte de mim.

a universidade e aos meus colegas por me proporcionar tantas vivências benéficas no meu crescimento pessoal.

ao acervo da biblioteca que forneceu os livros, a infraestrutura para pesquisa e a todos os professores que estiveram a disposição durante a minha graduação para as aproximações.

meu muitíssimo obrigada.

apresentação

os caminhos cruzados que me moveram até o cinema, se iniciaram na infância. quando minha mãe era dona de uma locadora, por dez anos estive nesse universo de fabulações, cercada por cartazes, permeada de filmes, histórias faladas e contadas pelos longas-metragens. local de muitas descobertas, onde pude me deparar com outras culturas, viajar para inúmeros lugares, envolver-se em tramas, me deixar levar por personagens e de dar corda à imaginação. essa trajetória de afeições ocorreu, principalmente, durante a fase vhs, quando me projeto para esse lugar, frente a memória análoga a sensação de colocar a fita no videocassete, o tempo de espera, a imagem surge na tela, esse momento é mágico, quando o filme começa e as memórias-histórias aparecem. são influências marcantes na criação do meu eu-criança quando já me perguntava o porquê as pessoas faziam filmes, refletidas na atualidade, que aprecia o cinema com indagações que se inundaram em mim.

antes de me reencontrar com o cinema, durante maior parte do curso de artes visuais, deparei-me com a escassez de referências de mulheres artistas, durante as aulas. com esse interesse, foram realizadas pesquisas independentes, com intuito de descobrir quem eram as não citadas na linha do tempo da história da arte. faço aqui uma ressalva, elas existem e são muitas, no entanto, são mantidas no anonimato.

por meio desse estudo, percebi que a ausência das artistas refletem nas imagens concebidas dos corpos das mulheres representadas na arte. um exemplo disto, é o insurgente cartaz das “guerrilla girls” que adverte sobre os nus estarem dentro dos museus, mas as artistas não.



versão em português, feita especialmente para o masp, de um dos pôsteres icônicos das guerrilla girls. (fonte: sp-arte, 2017)

recentemente, alguns posicionamentos sociais estão sendo revistos, como a aparição de constantes denúncias que envolvem o lugar da mulher na arte. ao lado das políticas em protesto contra as desigualdades de gênero e também das minorias. isso inclui o cinema, onde as premiações tomaram palco para discursos impactantes sobre a falta de reconhecimento das atrizes, compositoras, roteiristas, diretoras e etc. fato abordado na última edição de cannes, “[...] desde a primeira edição de cannes, apenas 82 filmes dirigidos por mulheres foram selecionados para a competição principal, contra 1.645 filmes dirigidos por homens.”. (PÉCORA, 2018)

tais dados retratam o cenário artístico, tanto na arte contemporânea quanto no cinema. pela vivência em ambos os espaços, o presente trabalho se desmembra em cinco cartas que fundamenta-se nos meus atravessamentos, 1. o patriarcado - é o reconhecimento que seria a base para encontrar-se com a 2. minha mãe - afetos que me trouxeram até 3. o cinema - na teoria que me daria suporte para permear a 4. diretora e personagem do filme, para o contato com os pertencimentos do 5. eu.

no processo, fiz ciência de filmes orquestrados por diretoras que tenham como centro personagens mulheres; ao todo foram vistos 70 filmes, para que percebesse a influência do patriarcado em todos, por isso, discutir sobre esse assunto além da invisibilidade feminina. em seguida, realizar a breve introdução a origem cinematográfica com a análise, entre narrativas ficcionais e reais, vinculadas a minha mãe, caminhando até o cinema produzido a década de setenta, quando faço a minha análise da imagem do feminino que dialoga com a Jeanne Dielman e a minha existência.

para construção da idéia, sempre me expressei por palavras soltas, poesias, excesso de pontuação, e pela escrita de cartas, assim como passei a minha vida assistindo filmes, correspondentes a produção cinematográfica entre os séculos. dos quais, selecionei apenas um filme que retrata de forma primordial a mulher no seu cotidiano.

a escolha de um filme europeu se deu quanto a dificuldade de acesso ao acervo nacional disponível da década de setenta dirigidos por mulheres, que não foge a regra, são minoria de reconhecimento e que quando encontrados possuem precariedade no áudio e restrita bibliografia.

foi um desafio selecionar apenas um filme da lista de diretoras percussoras, que seja o ponto de partida para se pensar sobre esse movimento de artistas no cinema e na arte.

o que é o cinema?

“registrar com auxílio de uma câmera, corpos que se relacionam em um espaço.”

história do corpo por alain corbin e jean jacques courtine

o que é ser diretora?

o diretor de cinema é o profissional responsável por uma idéia ou roteiro para montar o filme coordenando a sua execução.

resumo

o trabalho se fez, com intuito de entender o processo da imagem feminina em sua representação, cinematográfica de diretoras mulheres e também pela essência cotidiana, os filmes retratavam da ficção ao real. é realizada uma trajetória guiada pela experiência do tempo e das vivências do corpo, até se encontrar com jeanne dielman. para o conjunto poético das memórias vinculadas a história do cinema criam suas próprias narrativas escritas no formato de cada carta que se findaram, no resultado do conhecimento unido as mudanças de posicionamento sobre o mundo.

palavras-chave: feminino, cinema, artes visuais, chantal akerman, patriarcado.

abstract

the work was done in order to understand the process of the female image in your representation, in the cinematography of women directors and also by everyday theory, his movies depicted from fiction to the reality; a journey guided by the experience of time and the feeling of the body; until met jeanne dielman; for the poetic set of memories linked to the history of cinema create their own narratives written in the format of each letter, lastly, get the result of knowledge with the changes of position on the world.

word key: feminine, cinema, visual arts, chantal akerman, patriarchy.

glossário

do dicionário google:

afeto¹

substantivo masculino

1. sentimento terno de afeição por pessoa ou animal; amizade. 2.o objeto dessa afeição, sentimento ou emoção em diferentes graus de complexidade. 3. um dos três tipos de função mental: {as funções mentais se dividem em afeto, cognição e volição.} 4. expressão qualitativa da quantidade de energia das pulsões e das suas variações. {para freud, seriam reproduções de antigos acontecimentos de importância vital e, eventualmente, pré-individuais.}

afeto²

adjetivo

1. que demonstra inclinação ou estima por; afeiçoado, dedicado; 2. partidário de, simpatizante. que se destina a; para ser aplicado em. subordinado a; 3. dependente de; da competência de. 4. atingido por afeto ('doença'); adoentado.

alívio

substantivo masculino

1. ato ou efeito de aliviar(-se); 2. diminuição de peso ou de carga. 3. diminuição de fadiga, de enfermidade, de sofrimento. 4. estado de quem se livra de qualquer forma de opressão; desafogo. 5. momento de descanso, de repouso; folga de uma tarefa cansativa. 6. momento de distração, de divertimento; recreação. consolação.

carta

substantivo feminino

1. mensagem, manuscrita ou impressa, a uma pessoa ou a uma organização, para comunicar-lhe algo. 2. tal mensagem, fechada num envelope, geralmente endereçado e selado. 3.diploma ('documento oficial'); 4. documento, título probatório ou aquisitivo de direitos, mapa, cada uma das peças do baralho.

casa

substantivo feminino

1. edifício de formatos e tamanhos variados, quase sempre destinado à habitação, família; lar. 3. conjunto dos membros de uma família. 4.negócios e assuntos domésticos. 5.lugar destinado a encontros, a reuniões ou à moradia de certas categorias de pessoas, cujos interesses, origens e cultura por vezes representa ou expressa. 6.estabelecimento ou firma comercial; nome de certas repartições públicas. 7.cada uma das subdivisões de uma caixa, prateleira etc.

cinematografia

substantivo feminino

1. (cinema) o conjunto de princípios, processos e técnicas utilizados para captar e projetar numa tela imagens estáticas sequenciais (fotogramas) obtidas com uma câmara especial, dando impressão ao espectador de estarem em movimento. 2. (comunicação) meio de expressão e comunicação que utiliza esse processo. 3. (estética) realização de obras cujo suporte físico é o filme de cinema e cujo objeto é a expressão artística da subjetividade humana, ou a criação de material documental, educacional ou de entretenimento, na forma de produtos de cunho semicomercial ou fundamentalmente comercial. 4. o conjunto das atividades relacionadas com a produção de filmes cinematográficos; indústria cinematográfica. 5. conjunto de filmes de um autor, de um país, de uma época.

desconstrução

substantivo feminino

1. “a origem do termo 'desconstrução' vem de Heidegger, que propôs, no período inicial de sua trajetória, um projeto filosófico chamado destruição da metafísica, o qual, por sua vez, procurava libertar os conceitos herdados da tradição que haviam se enrijecido – há muito sedimentadas pelo hábito de sua transmissão –, e retorná-los à experiência de pensamento original.” (DUQUE-ESTRADA, 2005).

2. “(...) da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura fundante em que o feminismo, como política de identidade, vem-se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios sujeitos que espera representar e libertar.” (BUTLER, 1990).

homem

substantivo masculino

1. mamífero da ordem dos primatas, único representante vivente do gênero *homo sapiens*, caracterizado por ter cérebro volumoso, posição ereta, mãos preênsais, inteligência dotada da faculdade de abstração e generalização, e capacidade para produzir linguagem articulada. 2. a espécie humana; a humanidade; 3. o ser humano considerado em seu aspecto morfológico, ou como tipo representativo de determinada região geográfica ou época. 4. indivíduo do sexo masculino, que já atingiu a idade adulta; homem-feito, 5. adolescente do sexo masculino já dotado de virilidade; 6. em que sobressaem qualidades como coragem, força, determinação, vigor sexual, 7. o ser humano considerado do ponto de vista dos sentimentos, fraquezas, perplexidades etc. inerentes à sua natureza humana. 8. pessoa da confiança de alguém; 9. marido, companheiro ou amante. (...)

mulher

substantivo feminino

1. indivíduo do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de determinada região geográfica, época, etc
2. o ser humano feminino, considerado em conjunto, ideal ou concretamente. 3. mulher-feita; adulta. 4. companheira conjugal; esposa. 5. amante, concubina. 6. no sentido figurado: na tradição, como indivíduo e/ou coletivamente, representação de um ser sensível, delicado, afetivo, intuitivo; fraco fisicamente, indefeso (o 'sexo frágil'), idealmente belo (o 'belo sexo'), devotado ao lar e à família (mulher do lar) etc. 7. uma mulher indeterminada ou de quem se fala; dona.

mãe

substantivo feminino

1. mulher que deu à luz, que cria ou criou um ou mais filhos. 2. fêmea de animal que teve crias ou que cuida ou cuidou delas. 3. 4. pessoa que dispensa cuidados maternos, que protege, que dá assistência a quem precisa. 5. o que dá origem; causa, fonte. local onde algo teve origem.

matrilinear

adjetivo de dois gêneros

diz-se do sistema de filiação e de organização social no qual só a ascendência materna é levada em conta para a transmissão do nome, dos privilégios, da condição de pertencer a um clã ou a uma classe.

memória

substantivo feminino

1. faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. 2. nome, reputação. 3. aquilo que ocorre ao espírito como resultado de

experiências já vividas; lembrança, reminiscência. 4. monumento erigido para celebrar feito ou pessoa memorável. 5. exposição escrita ou oral de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos sequenciados; relato, narração. 6. dissertação sobre tema ou matéria de ciência, arte, cultura etc., para publicação ou apresentação em congresso, sociedade científica, associação etc. 7. papel onde se anota o que não se pode esquecer; lembrete, memento. 8.(metonímia) apontamento; 9. (diplomacia) nota referente a determinado fato, que um diplomata apresenta a alguém do governo junto ao qual está acreditado. 10. faculdade de conservar as modificações sofridas pelo organismo com possibilidade de reproduzir a ação que as provocou. 11.(informática) dispositivo que pode receber, conservar e restituir dados. 12. (liturgia católica) oração em comemoração a um santo, no ofício diário. 13. (psicologia) função geral que consiste em reviver ou restabelecer experiências passadas com maior ou menor consciência de que a experiência do momento presente é um ato de revivescimento. 14. termo geral e global que designa as possibilidades, as condições e os limites da fixação da experiência, retenção, reconhecimento e evocação. 15. relato que alguém faz, freq. na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular; memorial.

narrativa

substantivo feminino

1. ação, processo ou efeito de narrar; narração. 2. exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens. 3. conto, história, caso. 4. o modo de narrar. 5. prosa literária (conto, novela, romance etc.), caracterizada pela presença de personagens inseridos em situações imaginárias; ficção.

6. o conjunto das obras de determinado autor ou de uma determinada época, de um país etc.

privilégio

substantivo masculino

1. direito, vantagem, prerrogativa, válidos apenas para um indivíduo ou um grupo, em detrimento da maioria; apanágio, regalia. 2. riqueza, conforto, bem material ou espiritual a que só uma minoria tem acesso. 3. dom natural; talento, condão. 4. oportunidade ou concessão especial para realizar algo muito desejado ou valorizado; 5. (jurídico) situação de superioridade, amparada ou não por lei ou costumes, decorrente da distribuição desigual do poder político e/ou econômico.

vida

substantivo feminino

1. modo de viver; conjunto de hábitos. 2. propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte. - conjunto de atividades e funções orgânicas que constituem a qualidade que distingue o corpo vivo do morto. 3. período de um ser vivo compreendido entre o nascimento e a morte; existência. 4. fase determinada dentro desse período. tempo de existência ou de funcionamento de uma coisa. conjunto de seres vivos classificados do ponto de vista da espécie, do meio ambiente, da época etc. 5. motivação que anima a existência de um ser vivo, que lhe dá entusiasmo ou prazer; alma, espírito. 6. conjunto dos acontecimentos mais relevantes na existência de uma pessoa; biografia. 7. meio de subsistência ou sustento necessário para manter-se. 8. conjunto de atividades humanas que caracterizam um grupo social, uma época, um lugar. - atividade, prática. existência do espírito, vista como uma transcendência da morte física.

tempo

substantivo masculino

1. duração relativa das coisas que cria no ser humano a ideia de presente, passado e futuro; período contínuo no qual os eventos se sucedem.
2. determinado período considerado em relação aos acontecimentos nele ocorridos; época.
3. certo período da vida que se distingue de outros.
4. período específico, segundo quem fala, de quem se fala ou sobre quem se fala.
5. oportunidade para a realização de alguma coisa.
6. conjunto de condições meteorológicas.
7. época propícia para certos fenômenos ou atividades; estação, sazão, quadra (plantio).
8. cada um dos períodos em que se dividem as partidas de determinados jogos.
9. dimensão que permite identificar dois eventos que, caso contrário, seriam idênticos e que ocorrem no mesmo ponto do espaço.
10. (gramática) categoria verbal que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo [O conteúdo dessa categoria varia segundo as línguas; em português, compreende presente, pretérito (ou passado) e futuro, e suas subdivisões].
12. cada subdivisão da categoria tempo, existente numa língua, e seu paradigma próprio.
13. unidade abstrata de medida do tempo musical, a partir da qual se estabelecem as relações rítmicas; pulsação.
14. (música) andamento ('velocidade das pulsações').

listagem de alguns filmes: data de produção cinematográfica da diretora, seu nome, minibiografia.

1896 - 1918 **Alice Guy-Blaché**

(Os Resultados do Feminismo, França, 1906).

- reconhecida como a primeira na produção e direção de filmes de ficção.

1920-1928 **Germaine Dulac**

(A Sorridente Madame Beudet, França, 1922).

(curta-metragem) - fundadora de uma empresa de cinema, proponente de características surrealistas no modo como utilizava os efeitos sonoros e visuais; - elaboração de tramas intrigantes e em roteiros enigmáticos seguidos de repetições, sobreposições e jogos de imagens rápidas, como um quebra-cabeça em movimento.

1927 - 1940 **Dorothy Arzner**

(Quando a Mulher se Opõe, 1932; Assim Amam as Mulheres, 1933, Felicidade de Mentira, 1937, Dance, EUA).

- diretora estadunidense que acompanhou a transição do cinema mudo ao início do cinema sonoro, e se tornou importante nome em hollywood. - utilizava geralmente de protagonistas irreverentes, e obviamente incorporando sua visão como lésbica aos filmes. assim, refletida na representação revolucionária de suas mulheres de personalidade forte, sendo importante exemplo de autonomia, em oposição ao estereótipo dos anos 30.

1943 - 1985 **Maya Deren**

(Tramas do Entardecer, Ucrânia, 1943).

(**curta-metragem**) - cineasta surrealista, que reinventa os processos de seus filmes, com a ruptura de linearidade ao cinema tradicional, investe na dinâmica montagem das imagens com múltipla exposição, dando a ilusão de paisagens e incontáveis personagens, é uma experimentação de formas, ângulos e sons, até sensação sinestésica.

1962 - 2006 **Vera Chytilová**

(Daisies - Pequenas Margaridas, 1966, Tchecoslováquia).

- primeira diretora do seu país, seus filmes possuem elementos surrealistas, alguns um composto de cenas recortadas, com efeitos coloridos, padrões de abstração, imagens impressionantes para época e, irreverente para além do seu tempo com temáticas que reverberam até na atualidade.

1972 - 1996 **María Luisa Bemberg** (O Mundo da Mulher, Argentina, 1972). (**curta-metragem**) - diretora feminista

ativista do cinema argentino. - em entrevista sobre o filme: “argumento e personagem se identificam, não poderia ser de outra maneira. a história gira em torno de uma mulher que tem conflitos toma suas próprias decisões e tenta viver sua vida fortemente. nesse sentido, pode-se dizer que é um filme feminista, porque tradicionalmente a mulher é apresentada como um fator desencadeante para as conotações dramáticas do homem.”

1955 - 2015 **Agnés Varda** (Resposta de Mulheres: Nosso Corpo, Nosso Sexo - curta, 1975; Cléo das 5 às 7, 1962; As Duas Faces Da Felicidade, 1965; Os Renegados, As Praias de Agnès, 2008; Visages, Villages, 2017, Bélgica).

- além de diretora, fazer atuação nos seus filmes, dona da sua produtora, fotógrafa, roteirista, editora, escritora cuja produção consegue abordar amplamente as temáticas que tratam sobre as múltiplas experiências do feminino na sociedade.

1966 - 1985 **Marguerite Duras** (India Song, 1975; O Caminhão, 1977, França). - escritora de imagens no cinema, suas narrativas intercalam imagens com narrativas em um ato político, paradoxal e em transformações das linguagens, e ativar o espectador ao criar a partir das imagens e das falas.

1957 - 1983 **Larisa Shepitko** (Asas, 1966; Ascensão, 1977, Rússia). - ícone do cinema soviético na década de sessenta.

1950 - 2015 **Chantal Akerman** (Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles, 1975; Je, Tu, Il, Elle, Bélgica 1976). - diretora das metalinguagens, transmutação do cotidiano adverso, das peculiaridades de um ser em detrimento do cotidiano.

1978 -2011 **Ulrike Ottinger** (Retrato de uma Bêbada - Caminho sem Volta, 1979, Alemanha). - artista visual e também cineasta-crítica da cultura de massa, é conhecida pela prática do cinema e vanguardista.

1975 - 2015 **Margarethe von Trotta** (Os Anos de Chumbo, 1981; Rosa Luxemburgo, 1986; Hannah Arendt, 2012, Alemanha); - reconhecida pelo cinema político, a diretora, começou nos bastidores, até que com “anos de chumbo” se tornou-se uma das mais renomadas diretoras do cinema novo alemão.

1975 - 2009 **Helma Sanders-Brahms** (Mãe Pálida, 1980, Alemanha). - iniciou sua em meados do anos 70, mas seu reconhecimento veio a partir do filme autobiográfico "mãe pálida".

1958 -2012 **Kira Muratova** (Síndrome Astênica, 1990, Romênia). - diretora revolucionária, acreditava que a solução era salvar a juventude, como cenário os conflitos a antiga URSS, sua principal obra desvendava o seu país, mostrando sua crise sócio-político-econômica.

1982 - 2009 **Marleen Gorris** (A Excêntrica Família de Antônia, 1995, Holanda). - feminista e defensora das causas lgbt's, de início escrevia roteiros, nos quais, chegou ofereceu a chantal akerman parceria, que negou a apoiando a dirigir seus próprios filmes.

1999 - 2011 **Julie Taymor** (Frida, 2001; EUA). - formada em teatro, conhecedora do folclore, mitologia, teatro japonês e titereira; fez a belíssima obra de arte da vida de Frida Kahlo.

2007- 2015 **Sarah Gavron** (As Sufragistas, 2015, Inglaterra). - cineasta britânica que utiliza como tema recorrente do seu trabalho, voltado as mulheres e ao feminismo, assunto que a prestigiou de prêmios e indicações.

2016 - 2016 **Houda Benyamina** (Divines, 2016, França).
-aborda de maneira contemporânea, fortes crítica as desigualdades sociais nos seus filmes.

1998 - 2017 **Sofia Coppola** (O Estranho Que Nós Amamos, 2017, Maria Antonietta, 2006, Encontros e Desencontros, 2003; As Virgens Suicidas, 1999; EUA). - é constantemente comparada as produções de seu pai, além de receber muitas críticas por não fazer igual. mas vence esses machismos magistralmente, concebendo filmes lindíssimos, na sua própria estética, faz valsa com as imagens, na sua autenticidade, não precisa provar que é boa no que faz.

1984 - 2017 **Lúcia Murat** (Que Bom Te Ver Viva, 1989, Brasil); - uma das mais importantes documentaristas brasileiras, se destaca por misturar narrativas reais com ficção, discutindo questões políticas e sensíveis. talvez, frutos do seu passado durante a ditadura, é intrínseco a sua obra.

1989 - 2018 **Lucrecia Martel** (Mulher Sem Cabeça, 2008, Argentina). - diretora do estranhamento traz nos seus filmes o suspense, mistério, de personagens incógnitas, é intrigante desvendar suas histórias.

2008 - 2018 **Greta Gerwig** (Lady Bird, 2018, EUA).
- é conhecida pelo seu papel espontâneo em frances ha, é recém chegada a direção, onde já se desponta como grande revelação ao cinema.

referências

AYER, M.; KUNTZ, M. Olhares sobre Marguerite Duras. São Paulo: Publisher Brasil, 2014. In: DURAS, Marguerite. **Le Camion suivi d'un entretien avec Michelle Porte**. Paris, Minuit, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo 2**. A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BONDÍA, Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. trad. de João Wanderley. Revista Brasileira de Educação. n.19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith, 1990. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. (p.213)

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher: Um estudo de arte brasileira**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

D'ANGELO, Helô, **Revista Cult: Em primeiros filmes feministas da história, diretoras pioneiras trataram de assédio e abuso**. São Paulo, 2017. último acesso: dez/2017 <https://revistacult.uol.com.br/home/primeiros-filmes-feministas-da-historia/>

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Alteridade, violência e justiça: trilhas da desconstrução. In:(Org.). **Desconstrução e ética: ecos de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Edições Loyola, 2004. p. 33-64.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

_____. **Através do espelho: mulher, cinema e linguagem**. In: Estudos Feministas, n. 1, 1º semestre de 1993.

_____. **Figures of resistance**. Essays in feminist theory. Urbana and Chicago: University Illinois Press, 2007. p.25-47.

DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente: o século XX**. trad. Maria Helena da Cruz Coelho. Porto: Afrontamento/Ebradil, 1990. p.400-433.

FERREIRA, Laís. **Retrato de uma juventude em transe ao fim dos anos 60, a partir de Chantal Akerman**. Revista Moventes, 2016.

GUBERNIKOFFL, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Conexão - Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LIM, B. Cua. **Dolls in Fragments: Daisies as Feminist Allegory**. Estados Unidos: Camera Obscura Journal, Duke University Press, 2001.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KRAUSS, Rosalind. **Bachelors**. Cambridge; Londres: M.I.T. Press, 1999-2000.

LASCH, Christopher. **A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo** org. Elisabeth Lasch-Quinn; trad. Heloísa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LIPPARD, Lucy. **From the center: feminist essays on women's art.** New York: Dutton. 1976.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética.** 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.18.

PÉCORA, Luiza. Agnès Varda e Cate Blanchett lideram protesto em Cannes. Mulher no Cinema, 2018. Disponível em: <<http://mulhernocinema.com/noticias/no-tapete-vermelho-mulheres-protestam-contradesigualdade-em-cannes-e-no-cinema/>>. Acesso em: maio 2018.

SHERMAN, Cindy. **Cindy Sherman: the complete untitled film stills.** New York: Museum of Modern Art, 2003.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema.** Campinas: Papirus, 2003. p.192-207.

42ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo. ABMIC - Associação Brasileira Mostra Internacional de Cinema - info@mostra.org disponível em: <http://42.mostra.org/br/diretores/> acesso em: set.2018

As Guerrilla Girls chegaram! Exposição no Masp faz retrospectiva do coletivo feminista. sp-arte, 2017. disponível em: <<https://www.sp-arte.com/noticias/as-guerrilla-girls-chegaram-exposicao-no-masp-faz-retrospectiva-do-coletivo-feminista/>>. acesso em: dez. 2017.

O que faz apenas 4% dos diretores de filmes de Hollywood serem mulheres. bbc-news. 2018. disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42614064>> acesso em: out.2018.

OSCAR DE MELHOR DIREÇÃO: 5 MULHERES INDICADAS EM 90 ANOS. valkirias-thay, 2018. disponível em: <<http://valkirias.com.br/oscar-de-melhor-direcao-5-mulheres-indicadas-em-90-anos/>> acesso em: nov.2018.

IMDB. Copyright © 1990-2018 IMDb.com, Inc. disponível em: <<https://www.imdb.com/>> acesso em:

cartas

lastimável patriarcado,
mais um dia sob suas brutas influências,
escrevo essas palavras para lhe comunicar que esse
relacionamento abusivo chegará ao fim.

suas mãos já se aproveitaram o suficiente de mim, seus braços
apertaram-me o bastante para que ficasse imóvel, mas não me
impediram de pensar sobre seus sufocamentos.

como uma camada que me envolve, consigo romper e sair para
o agora, como nascer de novo, posso respirar e ver que seu
atrativo começa a se desfazer.

darei início a essa trajetória, no registro de reflexões, no
refúgio do quarto à meia-luz, no afogamento de memórias, em
diálogos introspectivos buscando saídas, na procura de algo
que pudesse substituir o vazio junto à composição do meu ser.
na formalidade desse assunto, freud tenta me enfiar boca
abaixo a sua idéia de falta, utilizando-se da psicanálise como
argumento, julga que eu seja repleta de cicatrizes consumida
pelo desejo de um falo. pelo contrário, sou vazia de um
reconhecimento que necessita estar junto de mulheres:
pesquisadoras, cineastas, artistas, fotógrafas, sobreviventes,
filósofas, sociólogas, personagens, domésticas, minha mãe,
amigas, uma coletiva, lésbicas, românticas, céticas, caóticas,
filhas de eva, de mim, enfim; da representatividade que me foi
tirada.

preencher-se de multiplicidades.

nesse caminho sendo trilhado, faço um longo olhar sobre elas e na mulher que habita o feminino; dos afetamentos causados pela influência de sua dominação. você-patriarcado e suas diversas caras, encarar-te-ei todas, em suas várias formas na mutilações do meu gênero, nas suas mentiras contadas, nos seus olhares subversivos. me refaço.

mantenho o intenso processo de descoberta, mapeamento, sofrimento, cura e alívio. nesse refúgio, é judith butler que vem me consolar enquanto estou deitada no chão, colando fragmentos. vem salientar que as ações, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a construção das individualidades tanto do feminino e do masculino tais como nós os vemos atualmente, é uma questão de performatividade. compreendo que o gênero é intenção, um ato performado que produz significados. significa que posso mudar, de acordo com as relações e sair da caixa da heteronormatividade para permear experiências.

o que me remete a urgência de se conectar com a espontaneidade (a inerência) feminina, percebo que não sou obrigada a me encaixar em um molde que não me cabe; me vejo em outros corpos, que já enfrentaram as mesmas batalhas, tantas forças-frágeis-forças, estou aqui. capaz de te peitar e si completar do que me pertence, do que me foi tomado, do que tentaram colocar em mim, no que vou chamar de formato (x), concebido pelo seu desejo.

nesse momento, o seu espiral de possessões ainda tenta me fazer desistir, convencer que estou só, que essa luta é em vão. negocia meu corpo como mercadoria, me vende à todo custo, me trata como objeto, alimenta as cicatrizes sobre minha feminilidade nas suas amargas relações de poder, cria laços de dependência, estabelece estupidamente diferença social na construção dos gêneros, na estrutura que o sustenta, ao meu redor e de tantas mulheres na submissão de acreditar que você é o único caminho possível para existir.

é quando mergulho nas águas de bourdieu, para saber de onde você vem, qual a sua origem que posso entender um pouco mais sobre a dominação masculina; nesse barco, nada melhor que um homem falando sobre a sua própria zona de privilégios, visando sociologicamente suas camadas, seus vínculos de dependência, seu primitivismo. refém dessa concepção, bourdieu confirma meus questionamentos quando admite “a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi) tem por efeitos colocá-las em permanente estado e insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. delas se espera quem sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas.” o feminino terceirizado pelo olhar dos homens que

durante séculos se intitularam donos do que é ser mulher, “do biologicamente social e do socialmente biológico” o corpo luta, suporta, atura e padece.

em seguida, estou disposta a me curar destes estigmas, posso caminhar sobre o campo que germina a história das mulheres, onde sempre houveram embates e constante apagamento. nessas leituras, recebo cada notícia como remédio (alívio e contra-indicação), principalmente, sobre o ocidente no século vinte que vibra no coração do feminismo contemporâneo pelas muitas reivindicações aos direitos das mulheres. desde os questionamentos sobre o corpo político ao posicionamento nos espaços, tem auge na década de setenta, momento decisivo de entraves para se libertar do seu sistema, somos alavancadas contra as restrições.

nesse instante, tenho o contato com a filósofa-existencialista, simone beauvoir que me pergunta:

“o que é uma mulher?” - na perspectiva de segundo sexo, posso dizer que somos nativas de oportunidades, em ser na iteração da dúvida, na intenção do ato cotidiano. nesse hiato, não se tem uma resposta definitiva do que é ser mulher, mas isso não é um problema, porque me é bem-quista ter transgressões, distinguir gênero e sexo. no caráter político, possuir novas maneiras de associação nesse fio que tece o futuro: o desafio é justamente discutir sobre o feminino, e se preciso fazê-lo eternamente.

esta conexão com pautas feministas juntamente a consideração com o passado, desencadeiam demandas que vão sendo redigidas a cada situação, classe social, raça, localidade, para que se desperte sobre sua desgraça, a contestação. nós, eu, mulheres, somos isoladas no vácuo; para conseguir processar que devemos reagir juntas sobre as consequências que te determinam e nos escraviza, destilar o quanto você é egocêntrico, ao impulsionar nossa própria derrota, ao declarar que devemos aceitar as suas circunstâncias, pela família, pela moral, pelos bons costumes, não ser artista, nem universitária, nem coletiva, voltar a zona de ter como única escolha, a comodidade de sua posse.

suas cantadas esdrúxulas, esperam que voltemos ao princípio, nos tornemos nada além da sua ordem, no golpe direto a estima, quer que acreditemos que somos inferiores, devemos ser submissas ao seu legado. domesticadas. sexualizadas. assassinadas. queimadas. mal-faladas. isoladas.

“estaremos sempre divididas entre si?” nas suas amarras invisíveis, no seu jogo extremamente persuasivo, que faz de todos jogadores nas suas vias, seja dentro de casa, nos meios de comunicação, ao manipular as informações, na minha educação e durante gerações...

em algum momento, pela solidariedade aos problemas comuns, conseguiremos vencer, para isso é importante indicar a união das mulheres, o uníssono de vozes que discordam das

suas opressões para transformar o feminino e para desenrolar um percurso contra você.

pois, se somos impedidas do eu, é preciso desembaralhar o que é positivo interiormente, para o pronome do “meu” - interesse, valor, desejo do que nunca me foi concedido; depois no compartilhamento para ampliar as “nossas” - condições, multiplicar células na geração de tecidos, órgãos e funcionamento vital de uma sociedade não-patriarcal.

discorrer que o individual é político; começa na minha vontade, desmembra-se na reciprocidade para troca coletiva, promovendo a tomada de consciência em reconstituir a subjetividade feminina e conquistar o poder da mudança “do privado ao público”... uma a uma, por todas. saímos de casa, fomos para fora dos limites, no máximo alcance, denunciar as nossas angústias.

porque ser parte de você, afastar-se dessa pena, é si reconhecer de barreiras para se perceber no espelho que reflete uma imagem superficial, me desconheço. a vista é embaçada. necessito da visão na empatia dos reflexos, para

em retrato

eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- em que espelho ficou perdida
a minha face.

cecília meireles descreve para esse encontro da imagem “ausente” que o feminino teve “perdas”; pelo meu semblante exausto é como acolher a expressão de quase morte, mas que ainda é vida, resisto para que seja feita uma outra face. dessa que clarice lispector me compararia com uma barata, que rasteja nos lugares escuros, e ao inverso da “beleza”, desenterra remorsos, que repugna, por mais horrorosa que seja a realidade, suja, no íntimo escárnio, possa se permitir remexer o que exala, assim, ser capaz de admirar o suor, os pelos, as marcas, as olheiras, assaduras que o corpo sente, para os livramentos das nossas inseguranças e das violências do que se pode evitar jamais voltará a fazer de nós morada. descansar.

para me encarar, nas inquietudes da alma. no desassossego de andar pela rua, nos desfiladeiros, nas grandes veias, nos pequenos lábios é como se meu corpo estivesse apreensivo, excitado, e delicia-se por alturas, em apreciar de cima o que só me colocou para baixo (...) ter em conta, que a covardia de não enfrentar os nossos medos, não nos levará a lugar nenhum. utopia? vale a pena correr os riscos.

pretendo deixar sentado no canto escuro, freud, e toda a sua formatação de redução as mulheres a úteros; de fato, por que seria meu sexo, meu corpo, sobrepor-me enquanto humana? é quando sartre vem me contar “que o inferno são os outros”, todavia percebo que você-patriarcado é o inimigo. nos joga em brigas entre nós para que possamos esquecer da sua existência, quando disputo território com mulheres que também almejam o mesmo espaço, perco essa partida para que os homens continuem no topo da pirâmide se aproveitando de nós. ah, então, efervescer-se na guerra dos sexos. sobrecarregar-se. com promessas que, nós, vamos adentrar-se nesse ciclo, de poder votar - mas não assumir o cargo, trabalhar - para gozar da tripla jornada, parir - para compor a mãe solteira, liberdade sexual - para servir como puta, para que sejamos ainda mais reprimidas ao possuir direitos, quanto mais nos acerta a cobrança em atribuir à responsabilidade da própria opressão, devemos reconhecer cada luta.

sem tirar de você o foco, mais uma centelha de vezes, vou aprendendo o quanto você é perspicaz, faz o “trabalho histórico de des-historicização” que constrói a amnésia do mundo, senão o cinema, a leitura, a fotografia, o jornalismo, as bibliotecas, os registros para não te esquecer, que nossos direitos não são permanentes, se não houver constante defesa. se o primeiro passo, para romper contigo, foi conhecer o feminino em suas inúmeras variáveis, de me apaixonar pelas mulheres na descoberta que o amor-próprio e o autoconhecimento são entradas para o possível, obtive a empatia de sentir na pele as fragilidades em potência do que somos.

o último processo, foi dizer para mim -sim, para tantos eus. de pensar e não aceitar o que nos é dado. são tantas imagens. metáforas. sinônimos. trejeitos. ditos e não-ditos para o prazer da reconciliação...

essa não é uma receita, nem uma teoria, são suposições, assimetrias e aproximações de um desabafo, talvez, de tantas artistas, e de quem se identificar, e o mais importante não disse, a solução para o acabar com o patriarcado seria:

mãe,

na busca de tantas diretoras, você é a principal mulher que me inspira, tenho sua imagem erguida em minha mente, iluminada, como um filme que se acende para contar a nossa história. de tal maneira que as memórias transitam pela minha mente, em um intenso carrossel de lembranças, com algumas lacunas, partes inventadas, veladas, mas como se fosse tangível me ver crescer contigo desde meu nascimento.

é nesse estalo que surge o cinema, somos um só canal, prontas para lançar-se no passado, em tornar-se manifesto as informações significativas de existir em análogo percurso da vida e arte. assim, darei início a essa carta. contar-lhe-ei sobre mulheres e suas narrativas, costurando essa trama, falarei delas e de você.

em uma ligação rotineira, começo lhe apresentando alice guy-blaché, primeira a atuar como diretora e roteirista de filmes de ficção, com a produção “a fada dos repolhos” (*la fée aux choux*). posteriormente, há mais de cem anos, a cineasta abordava algo intrigante, no seu curta-metragem resultados do feminismo (*les résultats du féminisme*), que visualmente tratava questões de gênero com sátira, na sensação de inverter-se com humor as disparidades evidentes naquela época. ao implantar a contraposição de papéis, as mulheres agora são homens em suas funções mais banais, evidentemente, pode-se

suas respectivas posições, o que já é um salto considerável para o cinema mudo.

de pé logo cedo, te vejo forte levantando cercas, não satisfeitos, blasfemam nas suas costas que esse lugar não é para você, argumento sem nó. seu habitat é em meio a natureza em vasto campo, sua soberania toma conta do que é seu, sabe onde fica cada nascente d'água, o nome das plantas, suas raízes conhecem esse solo fértil, seu aroma é de suor misturado com trabalho. anda por essas terras atenta com que vai encontrar pela frente. fatalmente, está certa a vencer mais um sol que nasce e se põe todos os dias, vai se refazendo como mulher.

nesse ritmo, é a vez da visionária germaine dulac precursora da cena independente e responsável pela abertura que proporcionou à muitas cineastas a utilização do experimental como alternativa para realizarem seus filmes. no seu curta-metragem “sorridente madame beudet” (*la souriante madame beudet*) de 23, retrata fielmente uma mulher no patriarcado em denúncia aos problemas conjugais; quando retrata uma personagem insatisfeita com seu matrimônio; o espectador é posicionado frente as cenas de tamanho desconforto pelas violências desse relacionamento abusivo (“em casamento de marido e mulher não se mete a colher”), é inevitável sentir a impotência de não poder fazer nada; além dessa inconformidade, o ato de revelar na tela o convívio com um

marido machista, é ainda mais afrontoso, pela própria feitura do filme ser concebido em um espaço dominado por homens. teve que se casar porque ficou grávida, sem demora, você se tornaria mãe solteira, pois aquele lá não sabia de coisa nenhuma, era atraso. esse, quiseram dar o nome de pai, mas não havia se quer coragem para tal, só mesmo desdém. mais que depressa, toda a responsabilidade recaí sobre seus ombros, o peso de ser mãe, dentre tantas mulheres na mesma situação, viramos estatística. de ora em diante, a única certeza era que teríamos cumplicidade, visto que seus enfrentamentos com o mundo ainda estariam apenas dando prévia, de quem teria nas vivências precoces, a cobrança de maturidade para saber lidar com os problemas. do atropelamento do relógio, suas **excessivas preocupações** trouxeram um redemoinho de mudanças que foram transformando o seu rosto em um beleza conquistada pela idade. já o brilho nos olhos ainda é o mesmo, os braços alongados que me pegavam no colo estariam um pouco mais cansados e os cabelos escuros enrolados estariam ficando grisalhos. sua voz firme anuncia o agora, de volta para casa, já era tempo de buscar o nosso sustento, e afirmar mais uma vez, sua resistência.

apesar que, nessa época, em “e a mulher criou hollywood” (*et la femme crée hollywood*) feito recentemente com a documentação oculta dos anos vinte, entre fotografias descobertas e depoimentos, é notável presenciar o momento

ápice da participação das mulheres envolvidas nos vários processos na confecção e na criação de filmes nos estúdios. instituídas pela vontade de fazer cinema, eram inúmeras voluntárias para construir o que conhecemos hoje. até que a entrada no mercado, tratou-se de eliminar essas benfeitoras de suas atividades, no setor que agora geraria lucros aos homens e essa seria mais uma injustiça das milhares que as mulheres sofreriam durante a história.

do assédio ao desrespeito de desquitada, te vejo passando na rua, confiante que amanhã será um dia melhor. vai pensando que poderia me trocar de escola se fizesse algumas horas extras, disposta a se sacrificar mais um pouco para que eu tenha educação. é assim, que vão passando os anos, te vejo envelhecendo em mil afazeres, triste com infortúnios, determinada, radiante, longe... estivemos distantes e também unidas pela locadora de filmes, até que finalmente, eu cresci, da saudade passada do que ainda vamos ser.

por isso, ser pesquisadora e escritora nessa área, é um fator tão importante, porque precisamos de diálogos, como os de ann kaplan, autora que possui interessante viés em “e os dois lados da câmera” sobre a irreverência e problemática da mulher no cinema. em perspectivas a cerca de apontamentos direcionados à discussões pelo olhar masculino à comparações as produções cinematográficas que sofreram invisibilidades.

sua juventude voltou a si, recentemente, sua chance de experimentar os sabores da universidade, com sua intensiva sede por conhecimento, torna-se a melhor aluna da instituição, muito maior que qualquer nota. vencendo novamente as discriminações, se redescobriu mais jovem do que aparenta ser, pelo seu jeito de se reinventar, você está otimista que sua vida pode começar de novo.

nesse caráter, partimos dos anos 30 aos 40, em que dorothy arzner era cercada pela exceção, durante a “golden age”, recebeu destaque, mas era a única diretora fazendo filmes em hollywood, em que passou pela transição do cinema mudo a referência em sincronização sonora. no seu filme “assim amam as mulheres” de 33, arzner desenvolve um enredo que tem como principal lady cynthia (interpretada pela premiada atriz katherine hepburn), uma aventureira aviadora que desafia o sistema patriarcal de duas formas, pela sua perigosa profissão bem-sucedida e sua relação adúltera com strong. é nítida sua independência, a capacidade de ser feliz sem um homem ao seu lado, a autossuficiência, em contraponto as pressões sociais que desejam que suas atitudes rebeldes sejam punidas. lady cynthia representa perigo pelo ponto de vista transgressor, dona de si, sua bravura heróica de voar pelos seus sonhos; seu exaltado gênio indomável, todos querem recriminar sua forma de agir. por isso, talvez, seja o que a leve ao desafio de bater

seu próprio recorde de altura nos céus, indo para uma viagem sem volta e marcando seu nome na história.

entre parênteses, você deve se perguntar, o que veio fazer aqui? exercer-se, ter companhia, porque quando vemos mulheres fazendo algo que a sociedade afirma ser impossível, ganhamos **força**, fôlego, voz e energia para continuar. você me ensinou a fazer minhas escolhas, me deu liberdade e confiança para ir, juntas na luta pela autonomia. no caminho de enfrentar nossos medos, fases turbulentas, necessidade de chorar, e no fim, poder dar aquele abraço apertado, nas presenças-ausências. nos entaves-afetos ninguém nunca entenderá os nossos laços, além de nós.

se agir de forma diferente já incomoda, em 43, maya deren rompe com os procedimentos de montagem dos seus filmes, em tramas do entardecer (*meshes of the afternoon*) retrata uma mulher aprisionada dentro de casa, sufocada pelo cotidiano doméstico, se reparte em personalidades, abre as janelas de outras dimensões. nesse filme e em outras produções, implementa o uso de múltipla sobreposição, quebrando com a linearidade, dando a ilusão de diversos personagens, experimentando de todas as formas, os ângulos e o som, brincando com as variáveis da imagem em sensações, em poesia, em sonhos, em alucinações, em presságios, surrealismos na complexidade de ser.

qual a estratégia para desviar de tantos silenciamentos?

a lembrança do meu primeiro contato com o amor seria o seu-materno, que veio em olhares, de nos perceber, depois com a certeza inexplicável desse envolvimento acolhedor; com o tempo, pouco a pouco te entender, amadurecer. apesar de ainda cobrar aproximações, instantes de aconchego (amaciante), paz, no pedido de conforto para o afeto-por a minha cabeça no sua barriga, sentir o seu organismo funcionar, v a g a r o s a m e n t e posso observar suas mãos cheias de calos, identificar nossos traços em comum. nesse segundo, me reconheço em você, que vim de dentro do seu ventre e como na frase “temos um jeito de nascer e muitos de morrer.” - carolina maria de jesus, diz algo que sempre tentei encontrar palavras para descrever, que todos já integramos uma mulher na simbiose do valor simbólico literal.

ida lupino, atriz, produtora e também diretora, expõe a temática violência contra a mulher, com o impactante “o mundo é o culpado” (outrage) de 50, passando por cima da censura do código *hays*. o filme apresenta uma moça prestes a se casar, voltando para casa depois do trabalho, é perseguida, tenta fugir, porém é encurralada em um beco sem saída, por um homem que se vê no direito a estuprar. destruída em vergonha decretada pela culpa patriarcal que normalmente recaí sobre as vítimas deste tipo de crime. ann começa a delirar, sem conseguir diferenciar a verdade do que está se passando de fato, das pessoas a desprezarem, sussurrarem

sobre os acontecimentos feito monstros que se alimentam do horror. a rua é hostil, tudo ao seu redor a tortura, ninguém a vê como humana, então, decide partir para longe. nesse desconhecido é abrigada, recebe alguns conselhos, que para mim saem da boca de um homem para que a própria diretora faça seu discurso existencial, no intuito que seja recebido pelos expectadores. como o público reagiu? não sei, se nessa década já era assunto delicado, debater sobre isso atualmente, ainda gera controvérsias. nesse viés, esse ano, vários diretores e atores mundialmente foram acusados publicamente por seus atos de violação e assédio.

qual a punição?

no momento que decidi me ter, minha vinda mudaria toda a sua trajetória. gerar, parir e cuidar. estar nesse percurso por si só, por vezes árduo, te fez sonhar por duas. ter que aprender a nos proteger de julgamentos, assim, como lutar repetidamente contra as advertências do jeito de me “criar”, nos fizeram mais unidas para enfrentar obstáculos. não apenas cercadas de tristeza, também de felicidade, sou capaz de dar meus próprios passos. transcendendo as origens que se fortaleceram à sua matriz. nossa árvore genealógica é composta por mulheres obstinadas, que me fizeram buscar minha própria subjetividade. brutas, bruxas, trabalhadoras, donas do próprio nariz, ditadoras do lar, convictas, cansadas e ansiosas. entre cada geração, os distanciamentos ficam maiores, mas a sua

coragem de tomar decisões te fez ultrapassar a linha que traçaram para você e se desencadeou em mim.

agnès varda é expressivamente uma diretora singular, capta nuances do mundo pela ótica da sua câmera de modo excepcional. em 60, tem paris como plano de fundo e na sua objetiva cléo das 5 à 7 (*cleo de 5 a 7*). filmado em preto e branco, retrata em tempo quase real as duas horas de uma cantora à deriva da cidade e no seu pálido apartamento, no aguardar dos resultados de um possível câncer. a medida que essa tarde vai passando, faz-se como crônica a vida dessa figura apreensiva por respostas as suas inquietudes, à espera de um veredito, não é alguém que possa lidar com a ideia de envelhecer, amadurecer ou morrer, no entanto, vai percebendo ser de carne e osso, estimulando a intimista jornada que desveste da sua máscara de bela mulher a busca por confabulações, na sua transformação ao longo de cada minuto, em sinceros melodramas. assim, agnés anunciaria a sua chegada ao cinema onde seria precursora do que chamaram de nouvelle vague.

na particularidade dessa forte palavra monossílaba, quantas vezes estive a te chamar.

- mãe,

- mãe,

- mãe.

você é a fonte. é a minha família. meu seio. substância essencial. a referência que me trouxe até aqui. no entrelace do apoio às dúvidas. estive por vezes a devanear quando me vi parecida demais contigo, de não ficar à sombra e poder receber o sustento para trilhar minha individualidade. somos unidas pelas nossas incertezas, dívidas por pontos de vistas, nem tudo são flores, discutimos a nossa ambivalência, na sequência pedimos perdão pelas grosserias, nossa relação não é um aprisionamento, dedicamos nossa atenção quando necessário, para que nos tornemos capazes, viajamos cada uma para seu destino.

em 66, também preciso lhe mostrar as pequenas margaridas (*sedmikrasky*) irreverente filme político-feminista de vera chytilová. as duas protagonistas nomeadas como maria são livres entre cores, cenas recortadas, padrões de abstração, brincadeiras e subversões combativas a sociedade conservadora, na própria estética não-convencional se recusam a obedecer regras definidas pela cultura patriarcal. destroem, cortam objetos fálicos e rasgam a cada cena tudo ao seu redor, com se as estragassem-devolvem na mesma intensidade; nada é sério, a revolução se faz com atitudes à favor da sabotagem. comida, vestimentas e homens são coisas meramente materiais, se divertem às suas custas com anárquica destruição do que não tem real valor nas incoerências do mundo.

em todos os módulos de defesa, nas durezas e sinais que formaram a armadura que reveste o seu corpo, se desfaça. enquanto que por dentro é alimentada pelo calor da sobrevivência, deixe-se permear por sutilezas como o sabor da chuva, lave-se nas águas que te banham os maus presságios, escute o seu desejo por simplicidade. permeada por esse ciclo, se permita nos risos do que floresce, do chão seco ao úmido, renascer.

calma.

paciência para ver seus brotos de esperança dar frutos, romper suas barreiras, espera colher o que plantou, das árvores, das solidificações que ergueu a sua volta, um quebra-cabeça se monta e desmonta para assobiar, o ar, os problemas, em tantas dúvidas. acredite nas suas potências.

mas precisamos conversar com cautela, do que você nunca ouviu falar, dar a chance para o que não entende, ainda é um grande dilema entre nós, de mãe e filha, dos costumes tradicionais aos choques de realidade. é preciso discordar, entrar em consenso, do saber mútuo de nossas vivências.

até esse ponto da carta, ainda tenho receios, porque devo ter cuidado ao reconhecer os sentimentos maternos, em desamarrar meus círculos, para ver os novos tipos de família, das mães abandonadas ou casadas, das que planejaram ter suas filhas, das que quiseram mas abortaram, da maternidade compulsória, das mães vistas como bondade e nada diferente

disso e das que são obrigadas a suportar a solidão. temos maneiras de amar, de pulsar, o que seria todas essas mães?

entre cada uma, percebo os afastamentos do que era antes, a exemplo da minha avó que teve a infância interrompida pelos afazeres, privações e percalços, submetida as ademais tarefas domésticas; não teve o luxo de ser só criança, pelas obrigações de tomar conta dos irmãos, cuidar do fogão de lenha e andar descalça em cascalho quente para apartar as vacas no curral, era sempre detida ao trabalho; nos pilares que delimitariam as silhuetas do seu percurso, na simplicidade da roça, suas pequenezas fortalezas.

na mocidade, apenas um par de sapatos, assim como sua melhor roupa era para os dias de baile. em um desses, no divertimento dançante típico da zona rural, nos seus vinte anos, se apaixonou e foi correspondida, em flertes determinantes na indicativa para troca das alianças; teve seu primeiro beijo- roubado antes da cerimônia com mãe que vigiava à espreita.

se casaram. juntamente com o sim- tinha a passagem de ida- sem volta a sua morada de origem, onde nunca mais, teve vontade de voltar, porque viria a mudar de estado, literalmente. nesse lugar, a fazenda, todos foram partindo, e ela ficaria grávida de três filhas e teria um aborto; com muita dedicação, nesse percurso gradativo, foi se tornando a própria casa, o desdobramento da cozinha, do quarto, da manutenção

do quintal, da horta, da cautela com a roupa, da devoção ao leite, da dependência financeira, cada coisa em seu devido lugar. seus territórios são restritos a uma sabedoria contida em simplórios gestos, gostos, em sua redoma de uma benevolência incansável.

o que transita pelos ciclos da vida acontece situado em uma pequena comunidade rural, na prosa do tempo matrilinear, o nome do filme é a excêntrica família de antônia (*antonia*), guiado pelo passar de cinco gerações, na companhia das estações com a semeadura e colheita das lavouras, trabalhos e alegrias, nascimentos e mortes. o enredo marca o pronunciamento do fim, para depois começar na volta, ao retorno de antônia a sua cidade natal com a jovem filha. onde parecem diferentes de tudo, ambas acabam receptivas a novas chegadas, de quem estava à margem, um convite para viver (em pautas com a filosofia em pessoa). é memorável o desenvolvimento das personagens por marleen gorris, são de mulheres autônomas as suas diversidades, cada geração consiste em fazer suas escolhas o que destitua estereótipos para a abertura que cada uma siga a suas vontades.

minha mãe teve menos impedimentos, foi criança, cavalgava em pelo, aventureira, pode estudar, de uma adolescência que já podia discordar, beijar outrem, ter encontros, casar-se e divorciar, namorar novamente, sair sem hora para voltar, ser dona do próprio negócio, trabalhar mais, três empregos, ser

despedida, negociar com a casa sua saída e sua entrada, fazer o seus possíveis deslocamentos, para ir e voltar se quiser, do princípio de aspirar dominar o mundo, chegamos a década de 71, foi aqui que você nasce, minha mãe. se estou tão próxima do cinema, da literatura, da cultura e da arte, foram pelos seus estímulos. nessa carta, vou te contar porque decidi falar sobre essa história. para te agradecer.

doação de palavras quando pensam em mãe:

força, sequência, coragem, preocupação, troca, excessiva, humana, ventre, casa, rejeição, proteção, amor, saudade.

adorável e repugnante cinema,
qual é a tua? do substantivo masculino, sinônimo de prepotência, instinto egoísta e de confiança frágil, seus privilégios escondem nas suas entranhas o que precisa ser visto, faz favor, nas fissuras do entretenimento sujo, falta diversão. não sei se é só má influência, ou uma febre de desentendimentos que já duram décadas. talvez dos dois, pois se embebedou dos venenos que te deram, tenta se recuperar das próprias mazelas que se alimentou; a cada questionamento, vomita o lixo opressivo que se aproveita das suas fraquezas. não precisa ser assim, sei que causa indigestão fazer rupturas, já basta de fingir cegueira, para que possa perceber tantas diretoras que são parte de sua concepção e suspender essa mesma reprodutibilidade fraca.

das hipocrisias que te retratam, configuram-se os machismos que você carrega, larga mão do patriarcado, da fixação por aceitação, da necessidade que o público te idolatre, do dinheiro que colocam no seu bolso, fama, superficialidades, são como vaidades, não percebe? o que fizeram com você? do que adianta vestir essa mesma carapaça sempre? vinculado ao seu foco, existem buscas recorrentes para te desintoxicar, romper com esse padrão,

em lutas que se misturam entre ficção e realidade. cineastas constroem paralelos impressionantes com o tempo, memórias, biografias, documentários, histórias, (...)

não adianta nutrir-se da ilusão que você seria o mesmo eternamente, faça autocrítica da sua história; lembrando-se que ter imparcialidade é como apagar uma parte dos seus traços. ao silenciar quem te colocou no mundo; essas mulheres são excluídas meramente por conveniência, nesse ínterim, sacrificam seu sangue para suas produções e depois gritam pelo reconhecimento dos seus filmes, sendo categorizadas como amadoras, experimentalistas e subjugadas.

as informações não estão à seu favor, em noventa anos, apenas cinco diretoras mulheres foram indicadas ao oscar com uma única premiação, que faz propaganda na encenação da guerra para guerra de homens. não que eu dê importância ao título, entretanto, é o ápice de visibilidade cinematográfica. além disso, os dados se repetem em cannes com apenas uma ganhadora e no globo de ouro com o mesmo número, com pequenas modificações nas indicações. demonstrando também o significativo que em hollywood, somente 4% das

direções são realizadas por mulheres e poucas conseguem fazer um segundo filme, enquanto, a maioria do público que te frequenta é o feminino.

é incoerente, quando você se apropria dos corpos que não te pertencem, recorta-os, os coloca como frágeis, como ultra delicados, coadjuvantes na sombra dos protagonistas, de hiper sexualizadas a assexuais e castradas (no formato x), isso não me representa.

são violências criadas no imaginário que consentem acreditar que as mulheres sejam assim, vítimas e passivas. enquanto que, para reverter esse tipo de pensamento é um processo árduo, conseguir gerar reflexivas para desfazer essas falsas afirmações. isto é, mostrar-se diferente da opinião midiática e dos valores simbólicos que a constitui, para revelar a potência que possui a dimensão feminina fora desses ideais, parece impossível.

em 70, começaram as primeiras ondas que pareciam consolidar o surgimento de um cinema denominado feminista, você seria o assunto abordado em livros que traçariam condenações ao falocentrismo. dos quais, por outro lado, enfatizam a leitura teórica preocupada em alcançar o viés incisivo pela atuação da mulher: rever os

seus estilos, a presença de hierarquia e as possíveis iconografias. essa corrente desencadeou em vários países, o despertar de vanguardas, estudiosas e teóricas sobre a imagem feminina no cinema para discutir gênero. como fazer isso?

maría luisa bemberg, cineasta argentina e forte militante no direitos das mulheres, em 72, estabelece em “o mundo das mulheres” sua própria estética do discurso, desenhando os questionamentos do sistema capitalista em análise deliberada da indústria e propaganda, que coloca as mulheres com o objetivo de aumentar as vendas, o curta aponta explicitamente as estratégias do mercado usurpador que cria essa imagem para consumo. além de apresentar a influência dos poderes constituídos: família, estado e igreja como os pilares que contribuem para sua consolidação. a mensagem transpassada pela força é feita pela imagem e pelo som, ambos conectados em uma montagem inteligente utilizando a linguagem cinematográfica.

nem você estava preparado para os desmontes do seu acomodado cumprimento de estereótipos, sem início, meio e fim, seguir a própria vontade instável, até que não seja suficiente, muito menos fundamental; ah, cinema...

se entregue nas recusas para aceitar a sua transformação, permita-se à intensidades profusas, perfazendo uma trajetória radical, que não te fará perder os signos da comunicação, e sim, transitar livremente em sintonias diferentes do visível e do invisível, se faça arte. descubra-se.

para isso, adentre nos labirínticos percursos da insólita marguerite duras, atrelada as narrativas da linguagem visual, receba críticas- lide com inconformidades, o que permite a reação para o ser político. escritora de filmes e diretora de textos, consegue extrapolar qualquer senso comum, se desvincula da formalidade para se aventurar em dispositivos inovadores de diálogo. sinestésias misturadas aos seus paradoxos, talvez pessoais, destrói todas as barreiras para fazer o seu tempo e sua realidade, seja o roteiro do que seria e é o caminhão (*le camion*) ao sinuoso enigma *india song*, de 77 e 75, respectivamente. importante ressaltar que fogem do que denomina-se a temática considerada “feminina”, mas são filmes políticos, na sua plena alteridade, você aprende a assistir essa fala inventada distinta que evoca dispositivos, no seu devir pela essência das passagens para os encontros de si.

na balança desregulada, a inquietação de um cinema feito na supremacia por homens de meia-idade te reduz a um olhar massivamente restrito, estimado a um arquétipo de fraudes cinematográficas. ressalta características das mulheres enquadradas em papéis repetitivos, de donas de casa, loucas, misteriosas ou *femme fatales* (é o formato x); todos retratos da submissão ao desejo masculino.

por isso, fui fundo até as diretoras que me interessam, que especificamente, utilizaram os recursos que o cinema lhes desproporcionava, como assim? foram na proficiência de hackear as regras para conseguir desvencilhar da ilusória perfeição, em contrapartida o que tinham ao seu alcance, e realizar tentativas para tal, retornam aos seu corpos.

na desconstrução de uma imagem anunciada, não citarei nenhum diretor, porque é claro que desses têm aos montes por aí, e foi um longo percurso para localizar quem demonstrasse desenvolvimento nas suas personagens, perspectivas e subjetividade. o êxtase, seria que mesmo cada uma na sua linha de raciocínio tivesse semelhanças, atravessamentos que se cruzam, no discorrer de um sentido comum, não aquele clichê,

seriam as congruências que se encontram no percorrer das vivências.

entre roteiristas, atrizes, produtoras e diretoras, o autoconhecimento sem si sobrepor o que é alheio, na pertinência contra as corporificações do feminino vazio, do formato (x), destacar a questão identitária do seu gênero, como uma verdade particular que se encontra com outras em relações de mútua troca. para entender a complexidade da mulher na tela no cinema, muitas mulheres se aproximaram de suas experiências, dos seus contextos e infinitudes, emergindo de afinidades intersubjetivas.

toda a evolução se dá como uma rachadura que fica cada vez maior as possibilidades, desprender-se dos modelos saturados, marcados e carimbados. por isso, ainda há esperança, onde consigo descobrir nos seus esconderijos, teresa de lauretis revirando as gavetas dos seus registros, que interpela pelas tecnologias, para que nossa conversa se descolasse da diferença sexual para investigar ainda mais fundo, suas materialidades sociais que seriam as instituições, reproduções e seus processos, são firmamentos que destinam a uma conjuntura do assujeitamento. como dito antes, a tomada de consciência

que movimentava a dimensão da experiência na imersão das práticas sociais.

diretora do cinema novo no Brasil, produtora e também roteirista Helena Solberg, percorreu quase duzentos anos da história do movimento feminista na sociedade americana, em *A Nova Mulher (The Emerging Woman)* fez um copilado com fotografias originais, imagens históricas, diários, manifestos, reportagens, cartas e livros de ativistas. Uma espécie de documentário ilustrado é o primeiro filme inaugurando a série “Trilogia da Mulher”, realizado em 74 com pouco financiamento, pretendia registrar dinamicamente o conteúdo de uma história que poderia ser esquecida, um esboço desses dois séculos para as mulheres.

que esbarra em debater milhares de questões, como em uma entrevista, poder-se-ia fazer perguntas infinitamente, os olhares sobre as diferenças, a sensualidade, a sexualidade, da amante, da prostituição, a fetichização do corpo, empoderamento, as desigualdades, os salários inferiores, das violências, o feminicídio, de mulheres que não correspondiam aos valores morais religiosos, as inferioridades, cobranças, da culpa e o castigo feminino, da transição infância e adolescência, do cabelo ao modo

de vestir e das mudanças de comportamento, etc. nesse movimento de encontrar sua essência, seu prazer, a mulher teve que se desamarrar de inúmeras mordaças durante os tempos.

situar-se.

com o cinema, caminhos se interligam, do mesmo modo que possuem distâncias para te enviar, com se estivesse em um filme feito carta, trata-se do meu ponto de vista direcionado a um espectador-destinatário, que por vir ser um terceiro que nem está presente, e até mesmo ao leitor. todos somos feitos de sensação, do encontro com as palavras aos versos dos filmes.

dos nossos deslocamentos e partidas, para onde vamos?
até que chegue, essa carta que carrega sua mensagem,
como você-cinema também.

p.s.: me escreva quando puder.

à chantal akerman e jeanne dielmann,

nesta carta, pensei que encontraríamos a chance para colocar em cima da mesa as nossas aproximações com o cotidiano; assim, como no jeito de contar histórias, nos quarenta filmes produzidos durante os seus sessenta e cinco anos de registros. o percurso dentre a linha do tempo às proposições de identidade e memória, me reconheço em especial em um feito aos seus vinte cinco, a mesma idade que te vi pela primeira vez. na companhia de sua marcante, jeanne dielmann (*jeanne dielman, 23 quai du commerce, 1080 bruxelles*) de 75, somos somadas em datas e números, no compasso que o tempo é a peça chave.

as recordações construídas por você em jeanne, como você diz, não somente retratam a vida, mas a própria experiência, na sua intuição, que (re-)cria a sensação de cada passagem. dispõe-se aqui, uma viúva de meia-idade, mulher branca, classe média, no amadurecer do aprisionamento quase integral de uma casa, na servidão ao filho e o trabalho doméstico juntamente a prostituição. seus desígnios parecem habituais, coloca a batata para cozinhar, desliza no apagar e acender da luz na mudança

de aposentos, em cenas que se estendem ao escuro, na câmara fixa que ainda continua no ambiente, depois que a personagem já saiu do plano. existe a sequência, ao considerar o espaço enquanto narrativa (presença-ausência). é desse modo que Chantal, como documentarista do privado, gradativamente ganha peso nos ritmos que utiliza o silêncio e o ritmo entre o som das portas que abrem-fecham, para atrair o espectador ao estado subjetivo de compreensão, da sublimação pela

no momento, eu estou aqui sentada-hipnotizada frente as ações tão comuns, na demora para vivenciar o assistir de cada longo minuto, sua duração quase que literal ao concreto trabalho dessa mulher. provavelmente, a sua produção, é como emergir no fascínio, de prolongar-se nos circuitos internos da rotina, das tarefas domésticas fatídicas, que se repetem no transcorrer das três horas e vinte minutos de filme. a princípio dominada pela automaticidade da consciência corporal do acordar, levantar, arrumar a cama, fazer café, lavar louça, tomar banho, preparar a mesa, os movimentos contínuos, recorrentes, constantes, e às vezes, interrompidos pelas vicissitudes.

tem-se desse modo, os cortes temporais transparentes ao enredo, elipses para idéia de seguimento. como por exemplo, na ação em que Jeanne está se lavando na banheira- em plano frontal, posicionada de perfil em plano médio, a noção de sequência, não a vemos sair do banho, um pouco vestida (saia e blusa), colocando o resto da roupa.

é como preencher as lacunas, presume-se, começo a integrar esse padrão, me acostumar com essa sincronia de gestualidade, solidão, silêncio, e o minucioso desgaste emocional que vai se incitando pela filmagem desses três dias.

diante da escrita, estive sozinha, refém das quatro paredes, buscando calmas, fui atravessada para cumprir com obrigações; começo, a me ver nos cômodos, cortando cebolas, a comer, no regar das plantas, das tantas ações que são consideradas nada, e que são a maior parte da nossa vida, acontece.

se a câmera faz o reconhecimento do lugar, é a personagem se desloca para fora, o que acontece onde a câmera não mostra? o invisível ao nosso campo visual, os transitantes (mãe, filho, clientes) se recortam na imagem, à medida que se aproximam e distanciam. faço parte do

conjunto, sou espectador-observador, convidado a percorrer os enigmas do lado oculto, a descoberta por si mesmo.

além de, poucas falas, a abertura de um espaço, para o pensamento, pode ser que se perca em devaneios, trocando de papel com você-jeanne. daquele olhar vago, perdida em reflexões, pergunto: o que se passa ali? quais as suas tristezas? angústias? anseios? no esvaziamento da mente, para estar tão contida aos atos de responder a comandos.

porque não há saída, ou são os enquadramentos que nos prendem; chantal, deposita em jeanne, a apreciação da obra ensaiada, no cronômetro de uma mulher fatigada nos seus reflexos, dos vários eixos possíveis para representação de um feminino complexo pela filmografia da diretora, temos essa persona.

pertencente da relação entre mãe e filho, sentados para uma refeição secretamente preparada no decorrer de um programa, esse prato cheio, é desfeita levar um livro para o jantar, que não termina, e parece sempre ter esse ar de desprezo. para então, a leitura da carta recebida dentro desta carta, é corrido, atropelado com poucos destaques em algumas sílabas, marcado pelo primeiro momento

fala. esclarece um pouco mais sobre a trama, ainda deixando brechas, para então, poema de baudelaire, o garoto se põe de costas enquanto ela gesticula as palavras acompanhando a leitura, o instante mais íntimo a dois, de consoantes de diálogos esparsos ao longo que se cruzam, posteriormente, ficamos no escuro, esperamos o elevador.

cada detalhe tão bem executado. são janelas para dentro e para fora, hoje é terça, localiza-se estar na belgica, é a primeira vez que vê-se a rua, em uma ida e volta. está tudo em aberto, nada é certo, meus pontos de vista em relação a vocês, são meros esboços de rascunhar o que me é sentido. sem pressa, e do que é por si só.

na próxima conversa, deitado na cama, afirma a mãe: “ - se eu fosse mulher, não seria capaz de dormir com alguém a que não amasse.” ela em pé a porta, responde: “ - mas você não sabe, não é uma mulher.” de algo implícito que sabemos, termina o primeiro dia.

pela manhã, jeanne acorda mais cedo para deixar tudo preparado, no meticuloso cuidado para o engraxar do sapato, declara sua submissão, vinculada a poucas palavras que mantem essa relação, está consecutivamente a serviço do filho, na evidência da sua imagem que ocupa

essa posição, entrega-se a representatividade simbólica desse homem. principalmente, é de se perceber o pote que guarda o dinheiro da prostituição é o mesmo entregue ao filho, pressuposto de um sustento advindo da morte do pai, na contribuição das despesas o enlace econômico de mãe solteira, que nutre a casa, dadas as pistas do patriarcado, mas que segundo a cineasta só condiziam com a sua realidade familiar.

te escrevo, na tentativa de esquadrihar cada intencionalidade de uma cineasta detida ao olhar para o feminino, e não só isso, aos existencialismos da humanidade depositado em suas personagens que interagem um pouco sobre si. justaposto as questões de gênero perceptíveis durante toda a sua carreira, aqui nos conduzindo a revelar os laços opressivos do patriarcado dessa mulher, e quem a vê, na inovação não só na forma como também no conteúdo de poder se perceber as objetivas dessa opressão as suas insurgências.

o preparo dessa carne crua, a sobriedade das cores, as falas que pontuam com exatidão, o território da casa, a busca por um botão faltante, do vigiar de um bebê entregue-recebido, nossas delimitações de áreas, todo dia é quase sempre igual, a mulher visível.

escrever cartas foi a saída para conseguir chegar até você, nesse diário.

se você se demorar, talvez esqueça de apagar a luz, do que volta a se repetir, do que já sabemos como foi, a possibilidade de que eu tenha feito cenas dos seus filmes entrementes esses meses, presa dentro de casa, respirei e fui encarar o mundo, frente a si, e seus questionamentos.

não saberemos a resposta dessa carta, a rádio não parece agradar tanto hoje, e o jornal está desinteressante, nem se deu o tricotar. é o que me leva a pensar remotamente, e se dessa expressão, sou mulher, de quantas estamos citando? e quais estamos deixando de fora? a fala do filho sobre uma sexualidade machista, pelos prazeres masculinos do falo como espada, não devem perturbar a noite me perturbam, para mais um fim do dia.

na terceira parte, cansada. o abotoar da roupa, é mais demorado, esquece um. seu semblante veio mudando, o engraxar é mais solto, despercebido, de saco cheio. faz toda a corrente de afazeres, senta na sala, estática até o tocar da campainha.

dessa vez, o bebê chora, sem parar. do som mais estridente, ensurdecido, rasga o caos, é deixado, mas

ainda dá para ouvir o lamúrio, até cessar, o ímpeto de Jeanne, não parece com mesma a paciência de antes. nesse emoldurado metódico, o tempo vai sucumbindo, aos trejeitos que vão ficando desajeitados, vai se desfazendo.

se sou-somos a lente que passa pela diretora e alcança cada movimento de Jeanne, Chantal justifica “essa era a única maneira de fazer esse filme - evitar cortar a mulher em cem pedaços, evitar cortar a ação em cem partes, olhar cuidadosamente e ser respeitosa. o enquadramento foi planejado para respeitar o espaço dela, ela e seus gestos no interior do quadro” em entrevista.

em imagens magnificente compostas, o cenário corrobora, conduz estratégias narrativas, de compor cinematograficamente as vidas das mulheres como material da arte; devastada pelas forças da história das vidas vividas no palco público, as pressões do mundo, ao comovente final, que incide dentro do quarto o que ainda não havia se visto na tela. acompanha-se ali o desprazer, o foco vem de cima no rosto de Dielman, desconfortável durante a cena de sexo com o cliente, o repugnante, ela tenta se livrar do peso que se deposita a comprimir seu corpo, no entanto, não consegue. no espelho, temos a

vítima na condição desses três dias sentada a se vestir e o homem estendido na cama satisfeito ao gozo e tranquilo do seu poder sobre a mulher. a contestação de Jeanne, tomada pela voz ativa de reagir aos seus sofrimentos acumulados, pela tesoura que o perfura, ao matar esse falo, se põe entre o duplo, a repressão de sua sexualidade e a violência. há um desequilíbrio permissivo? a ordem interior-exterior a sua volta continua? encerramos com a protagonista com sangue em suas mãos, a uma luz que incide sobre sua face, por sete minutos, a findar o vazio, na pausa do seu manifesto. imagem inesquecível dessa respiração, simplesmente existente, retoma o câmera-cineasta com o desejo de clímax de seu personagem.

Chantal, nunca desejou se colocar em uma caixa, apesar de se locomover dentro de lugares fechados, conseguiu ampliar e não se categorizar apenas com uma vertente, mesmo que sua sensibilidade, por ser lésbica, e notoriamente dedicada a perceber o feminino distinto em cada filme, possibilitaram chegasse a essas pontuações, dos exageros, dos teores dramáticos, dos pretextos, do tédio ao estupro.

para: **diretora** que fez do cinema seu diário, por conduzir narrativas íntimas com base nas suas vivências, a ambientação cotidiana como maneira intrínseca de diálogo, da sua própria criação judaica. entre paredes, mistérios e um ritmo calmo de contar cada história de forma tão peculiar. chantal, situa-se em cenas repletas de silêncio no cenário doméstico, consegue provocar ansiedade nos acontecimentos monótonos. seus filmes são difíceis de acompanhar, devido ao tempo de algumas cenas condizerem ao real, mas serem capazes de causar bastante reflexão dos objetos comuns para expandir a percepção mais apurada sobre a vida. quando coloca os personagens para “atuarem” em ações rotineiras, conversa diretamente com o espectador, por discorrer ao universo do dia-a-dia. por outro lado, também introduz algo que se assinala como estranho do esperado, fragilidades, segredos e tabus, desenvolvem empatia ao enredo. assim, acaba por inventar uma nova dimensão de visualizar o que é feito no cinema. portanto, baseado em fatos de sua biografia. chantal destaca como notável mulher realizando seus filmes, como atriz, roteirista, produtora e ainda exercendo a profissão de professora de cinema...

... e infelizmente, encerra a sua carreira, na sua ida em direção a própria morte.

“quando as pessoas me perguntam se eu sou uma cineasta feminista, respondo que sou uma mulher e também faço filmes.”- chantal akerman

talvez seja essa a razão de se fazer tão bem.

eu,

onde você está?

deitei sobre meus ombros o véu da incerteza,
a construção de lábios secos que realçam o meu desgaste.

o gosto amargo de um jeito que se vai sobre ternuras
e se desfaz.

se revela em ansiedades de sentir o vento, ao sopro,
o que já foi,

é o passado pesado que tenta não ser abandonado,
no sussurrar das lembranças, que me puxam para trás. diz pare.
mas que se tentar levar tudo, o presente não se fará,
nem andará.

o tropeçar por caminhos turvos, senta para pensar,
o que posso carregar,

é um pouco sobre mim, o outro e o mundo repleto de pedras
pesadas,

ninguém parece ter tempo para ajudar, ou se importar,
por conseguinte não se deixam sentir,
muito nem puderam me enxergar.

só machucam a si,

por onde habitam levam as bagagens de remorso,
atirando-as para todos os lados, olhares e palavras duras,
indiferença.

nos far-se-ia resfriados por dentro, doentes, desprezíveis.

mas também na impotência, acaba-se a construir refúgios,
cada dia,
horas,
minuto,
segundos,
milésimos,
vou-vamos vivendo e morrendo um pouco,
por que cometemos os mesmos erros?

bárbara.

(...)

características essenciais para concepção deste:



a confecção do caderno de processos com informações referentes ao conteúdo de apresentação do trabalho.



todas as cartas costuradas e direcionadas as seus respectivos destinatários no formato de um livro de envelopes.



caixa de memórias, fotografias de mulheres - artistas, mães, filhas, diretoras, roteiristas, suas personagens e seus filmes - em texturas e cores - múltiplas.